

SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DA SUSTENTABILIDADE SOCIAL E DESENVOLVIMENTO NO DISCURSO DE VANDANA SHIVA AQUANDO DA ENTREGA DO SYDNEY PEACE PRIZE

CONTRIBUTIONS TO THE UNDERSTANDING OF SOCIAL SUSTAINABILITY AND DEVELOPMENT IN VANDANA SHIVA'S SYDNEY PEACE PRIZE ACCEPTANCE SPEECH

MARCO PAIS NEVES DOS SANTOS

Licenciado em Geografia e Planeamento Regional (2009) e História (2012) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em Cidadania Ambiental e Participação (2012) pelo Departamento de Ciências e Tecnologia da Universidade Aberta, onde frequenta atualmente o Doutorando em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento. Técnico Superior na Direção de Qualificação e Licenciamento do Instituto da Construção e do Imobiliário (InCI), Lisboa, Portugal. Email: 1002492@estudante.uab.pt.

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão teórica da comunicação de Vandana Shiva aquando da entrega do Sydney Peace Prize, em 03 de novembro de 2010, subordinada ao tema *Making Peace with the Earth*. Tem como objeto alertar, com base nas palavras da autora, para os problemas do eco-imperialismo, associado à biopirataria extractivista, destruidora da biodiversidade e castradora de tradições sociais e culturais, e do colonialismo tecnológico, enquanto fator de dependência técnica e tecnológica, e sensibilizar para o que Shiva designa de democracia da vida da Terra, necessária e responsável pelos direitos da Terra e das pessoas, um modo diferente de viver em harmonia com a terra. Dada a sua natureza e foco, foi desenvolvido sob texto corrido, mas podem individualizar-se dois momentos: um primeiro, onde se analisa a vida e obra da autora, e a sua forma de ver o mundo, e um segundo, onde se analisa a comunicação. Terminamos com uma concisa reflexão, seguida de referências biográficas.

Palavras-chave: Desenvolvimento; Sustentabilidade; Tradições sociais e culturais; Vandana Shiva.

ABSTRACT

This paper presents a theoretical reflection on Vandana Shiva's acceptance speech entitled *Making Peace with the Earth* for the Sydney Peace Prize, on 3 November 2010. Its purpose is to call the attention, on the basis of the author's words, to the problems arising from eco-imperialism linked to extractivist biopiracy, which destroys biodiversity and represses social and cultural traditions, as well as from technological colonialism as a factor of technical and technological dependence. It also aims to raising awareness of what Shiva calls "the Earth democracy", which is necessary to and responsible for Earth's and people's rights, a different way of living in harmony with the Earth. Given its nature and focus, the paper is written in the form of continuous text, although it can be divided into two moments: first, we analyze the author's life and work as well as her world view; second, we analyze her communication. To conclude, we make a brief reflection, followed by bibliographical references.

Keywords: Development; Sustainability; Social and cultural traditions; Vandana Shiva.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1. SOBRE A AUTORA...; 2. ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO "MAKING PEACE WITH THE EARTH"; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, transversal às duas linhas temáticas - **direitos da sociobiodiversidade e sustentabilidade e direitos na sociedade em rede** - da Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global, nasce de um trabalho realizado no âmbito da UC: Seminário de Aprofundamento Teórico, no ano letivo de 2013/2014, do Curso de Doutorado em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento, lecionado na Universidade Aberta de Portugal. Tem como quadro analítico central a comunicação que Vandana Shiva apresentou aquando da entrega do Sydney Peace Prize, em 3 de novembro de 2010, e que versa o tema *Making Peace with the Earth*, onde a palestrante aborda a incontornável crise ambiental e a iminente rota de colisão entre a civilização técnica e a biosfera.

Vandana Shiva é uma proeminente ativista social e ambiental, que luta diariamente contra o paradigma vigente do capitalismo industrial e da dominação tecnológica, o que diz ser um imperativo de sobrevivência para a espécie humana¹. Propõe a paz com a Terra - promoção de um desenvolvimento ecológico, viável socialmente, economicamente e culturalmente - como solução para ultrapassar os grandes desafios societais.

A dominação tecnológica, escurada pelo capitalismo industrial, não é um problema recente. Já faz tempo que o chefe dos Índios Sioux, numa carta dirigida ao Governador de Dakota, afirmou que “a terra não pertence ao homem, é o homem que pertence à terra”². Consideramos, por isso, que é importante refletir sobre o trabalho de Vandana Shiva, nomeadamente sobre as suas preocupações no âmbito do **eco-imperialismo** associado à biopirataria extractivista, destruidora da biodiversidade e castradora de tradições sociais e culturais, e do **colonialismo tecnológico**, enquanto fator de dependência técnica e tecnológica. O mesmo acontece em relação ao seu entendimento acerca da importância do capital social na concretização do desenvolvimento sustentável, e em relação ao que designa de “democracia da

¹ SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010b, p. 16. Disponível em: <http://sydneypeacefoundation.org.au/wp-content/uploads/2012/02/2010-SPP_Vandana-Shiva.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

² CONDESSO, Fernando dos Reis. Política do ambiente. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIA POLÍTICA (Ogr.). **A reforma do Estado em Portugal: Problemas e perspectivas**. Actas do I Encontro Nacional de Ciência Política, Lisboa: Bizâncio, 2001, p. 571.

vida da Terra”, necessária e responsável pelos direitos da Terra e das pessoas, um modo diferente de viver em harmonia com a terra.

O objetivo deste trabalho é, pois, trazer à discussão a comunicação *Making Peace with the Earth*, um texto promotor do *habitus da sustentabilidade (homo ecologicus)*, que nos remete para a necessidade de renunciarmos à fé cega na tecnologia (*homo tecnocraticus*) e na economia capitalista (*homo economicus*), por estas serem “espécies” formadas por indivíduos egoístas que procuram a gratificação pessoal e a acumulação material.

O trabalho foi redigido em texto corrido, dada a sua natureza reflexiva, teórica e encadeada. Procurámos uma abordagem inovadora e de interesse jurídico. Num primeiro momento, refletimos sobre a vida e obra da autora e sobre a sua forma de ver o mundo, e depois, após melhor conhecermos a autora, analisamos a comunicação que esta apresentou aquando da entrega do Sydney Peace Prize. Terminamos com a conclusão e com as referências biográficas.

1 SOBRE A AUTORA...

Vandana Shiva nasceu em 1952, em Dehradun, no Norte da Índia. Durante a infância e adolescência, na companhia e por influência dos seus pais, incorporou os mais elementares valores do Universo, pela terra e pela natureza, fundados no amor e na felicidade, que hoje orientam o seu caminho e são reconhecidos como determinantes para a vida na Terra³. Do ponto de vista académico, Vandana Shiva é bacharel em Física, mestre e doutora em Filosofia, e tem uma longa lista de participações em colóquios e conferências internacionais. Escreveu cerca de 20 livros e mais de 300 artigos em revistas técnicas ou de arbitragem científica, maioritariamente na área socio-ambiental.

Assumida ecofeminista e antiglobalista, Vandana Shiva é uma das mais proeminentes pensadoras da atualidade, cujo maior mérito recai no trabalho de campo que tem realizado junto das populações rurais na Índia. Não concebe a Ciência virada sobre si mesma e enquistada

³ DIENER, Ed; OISHI, Shigehiro. Money and happiness: income and subjective well-being across nations. In: DIENER, Ed; SUH, Eunkook M. (eds.). **Culture and subjective well-being**. Cambridge (MA): The MIT press, 2000, p. 185-218. ISBN: 978-0262541466. ZIDANŠEK, Aleksander. Sustainable development and happiness in nations. **Energy**, Vol. 32, n.º 6, 2007, p. 896. Doi:10.1016/j.energy.2006.09.016.

dentro da academia, em textos escritos muitas vezes para serem lidos e apreciados pelos pares, por vezes mais parecidos com masturbações intelectuais⁴. Pelo contrário, trabalha casos reais e abre o conhecimento ao exterior com enorme aplicabilidade, transformando-o em algo realmente útil. Em 1982, fundou a Foundation for Science, Technology and Ecology e, em 1987, o movimento Navdanya, uma ONG que tem como objetivo a preservação da integridade dos recursos vivos e da biodiversidade, a promoção da agricultura biológica, a preservação das sementes autóctones (luta contra os OGM) e o comércio justo. Pelo seu distinto trabalho académico e pela sua distinta atitude ativista, sempre frontal nas suas intervenções, foi agraciada com vários prémios, como o Right Livelihood Award (1993), o Sydney Peace Prize (2010), no âmbito do qual proferiu o discurso que está na base do presente trabalho, e mais recentemente o Fukuoka Asian Culture Prize (2012). Hoje, cruza a luta dos direitos humanos com a proteção do ambiente.

Convém referir que a Índia conserva um forte sistema de estratificação social, caracterizado por relações de hierarquia, de separação e de interdependência (sistema de castas)⁵, cuja estruturação, segundo Louis Dumont, pode ser pensada com base em critérios de pureza e impureza, que significam superioridade hierárquica e inferioridade hierárquica, respetivamente⁶. Para Dumont, a pureza é definida por oposição a impureza, sendo esta última contraída quando os hindus entram em contacto com a vida biológica/orgânica. Isto significa, de forma muito simplista, que a mulher é o elemento mais impuro da sociedade - logo, com menos direitos - uma vez que o ciclo menstrual, a maternidade, os processos alimentícios, entre outros,

⁴ Vandana Shiva escreve para o mundo, não só para os pares, e no trabalho de campo, junto das populações rurais da Índia, realiza atividades práticas com consequências boas e reais, percorrendo o caminho ecopragmatista, ética ambiental melhor descrita em: VAZ, Sofia Guedes; DELFINO, Ângela. **Manual de ética Ambiental**. Lisboa: Universidade Aberta, 2010. Uma atitude nem sempre padrão no mundo académico, entre outras situações, devido à transformação da ciência num mercado, ao nível do significado que Shiva confere à “biopirataria”, uma vez que, entre aqueles que exercem a atividade de docência ou investigação, são muitos os que podem ser acusados de conceber a produção científica como uma atividade comercial, e ainda mais os que publicam artigos em revistas que visam o lucro, o que fazem para exclusivamente obterem maior prestígio e reconhecimento próprio (portanto, por egoísmo). Mesmo que o façam gratuitamente, e nem podia ser de outra forma, já que na maior parte das vezes são remunerados pelo exercício da atividade, as empresas que suportam essas revistas comercializam esses trabalhos por valores exorbitantes. Isso faz com que a produção de conhecimento (destas revistas), geralmente não esteja disponível à sociedade, somente a uma pequena elite da academia (logo, para ser vista entre pares). Da mesma forma que as sementes pertencem à comunidade, e não à indústria das ciências da vida que passou a criar patentes que assumem o papel de detentoras da vida, através da engenharia genética, como advoga Shiva, também o conhecimento deve estar aberto à sociedade, e não fechado em revistas acessíveis a poucos ou entrincheirado entre áreas científicas, diríamos nós.

⁵ BOUGLÉ, Célestin. **Essais sur le régime des castes**. 3.ª ed. France: Universitaires de France, 1935.

⁶ DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: le système des castes et ses implications**. Paris: Gallimard, 1966.

englobam contacto com matéria orgânica⁷, o que é questionável, desde logo porque são os brâmanes que retiram a inauspiciosidade das castas inferiores⁸.

Compreende-se agora a visão ecofeminista de Vandana Shiva, formada através do conceito de ecofeminismo proposto por Françoise d'Eaubonne⁹, enquanto forma de luta contra todos os tipos de opressão, sobretudo contra a relação de dominação dos homens sobre as mulheres e a natureza, como resultado histórico da sociedade patriarcal ocidental¹⁰. Segundo a autora, trata-se de uma opressão desde sempre presente, mas que atualmente é mais visível na dominação científica e tecnológica da política do capitalismo industrial.

A ciência moderna era uma atividade patriarcal conscientemente baseada no género. À medida que a natureza passou a ser encarada mais como uma mulher para ser violada, também o género foi recriado¹¹.

Devido às suas habilidades bélicas (capacidades para fazer guerra), os homens têm ocupado ao longo de toda a História, em quase todas as civilizações, o topo da hierarquia da sociedade, impondo às mulheres a sua dominação. Esta hierarquização da sociedade, machista e patriarcal, fazia-se não só pela discriminação, com base no sexo e no fenótipo (racismo), mas também pela exploração de classes sociais e pela destruição ecológica (dominação ambiental)¹². Estas conceções são agora difíceis de aceitar, senão incompreensíveis, sobretudo a da biologia evolutiva, mais recente, com base na craniometria, que argumentava que os indivíduos masculinos eram mais inteligentes que os femininos, porque tinham cérebros maiores (trabalhos de Broca, séc. XIX). Stephen Gould¹³, na apresentação dos resultados do trabalho de Paul Broca (1824-1880), permite perceber a tentativa de justificar um argumento social através de uma perspetiva biológica: os brancos teriam um cérebro maior do que o dos negros, e estes teriam

⁷ *Idem, ibidem*.

⁸ RAHEJA, Gloria Goodwin. Índia: Caste, Kingship, and Dominance Reconsidered. *Annual Review of Anthropology* (ISSN: 0084-6570), Vol. 17, 1988, p. 497-522. DOI: 10.1146/annurev.an.17.100188.002433.

⁹ Este conceito ético formulado por d'Eaubonne estabelece uma conexão com o social e o ambiental.

BRENNAN, Andrew; LO, Yeuk-Sze. Environmental Ethics. In: ZALTA, Edward (editor principal). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford University, Fall 2011 Edition. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/ethics-environmental/>. Acesso em: 25 abr. 2014.

¹⁰ D'EAUBONNE, Françoise. *Le Féminisme ou la Mort*. Paris: Pierre Horay, 1974.

¹¹ Texto original: "Modern science was a consciously gendered, patriarchal activity. As nature came to be seen more like a woman to be raped, gender too was recreated". SHIVA, Vandana. *Marking Peace With The Earth. City of Sydney Peace Prize Lecture*, 3 de novembro, 2010b, *op. cit.*, p. 5.

¹² COLLINS, Sheila. *A Different Heaven and Earth*. EUA: Judson Press, Valley Forge, PA, 1974.

¹³ GOULD, Stephen Jay. Women's brains. In: GOULD, Stephen Jay (ed.). *The panda's thumb: More reflections in natural history*. New York: Norton, 1980, p. 152-159. Disponível em: <http://faculty.washington.edu/lynnhank/wbgould.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

um cérebro com um tamanho semelhante ao das mulheres. Procurava-se assim, do ponto de vista biológico, uma justificação para o colonialismo, porque era necessário cuidar dos negros como se cuidava das mulheres, igualmente inferiores em inteligência aos homens brancos. Talvez por isso Shiva associe a necessidade da proteção do ambiente à libertação da mulher e dos povos oprimidos, conjectura subscrita por extensão da ideia a Merchant e Vaz e Delfino¹⁴.

A visão antiglobalista de Shiva tem muito de historicista, centrada como está nos grandes descobrimentos e no processo de colonização. Como referiu recentemente em Lisboa, “há 500 anos atrás, os reis e rainhas da Europa pensaram que deviam enviar os seus mercantes aventureiros (...). Piratas foram enviados para todo o mundo, com a justificação de “civilizar os incivilizados” (...). Tal como na altura a colonização foi movida pela ânsia do poder, violência e ganância, hoje é movida pelos mesmos interesses”¹⁵.

Esta é uma visão que faz sentido, uma vez que a Índia foi colonizada pelos Ingleses, responsáveis pelo processo de hierarquização social ainda vigente, cujo dispositivo colonial industrial teve uma atuação predadora e extractivista, de degradação ambiental e social. Do ponto de vista ambiental, é exemplo disso a poluição da água por arsénio, provocada por vazamentos industriais, origem de problemas de saúde variados na população (danos no coração e nos vasos sanguíneos; danos no sistema nervoso central e periférico; defeitos de nascença e problemas reprodutivos; problemas de pele; cancro de pele, fígado, bexiga, pulmões, rins e próstata). Do ponto de vista social e cultural, temos como exemplo os movimentos de diáspora e a alteração da dinâmica social, organizacional e cultural, substituindo práticas ancestrais por técnicas e tecnologias modernas. Mas os seus efeitos também se fazem sentir a nível económico, devido à redução forçada da mão-de-obra e às inúmeras situações em que as pessoas com sintomas visíveis de doenças são despedidas e/ou não chegam a ser contratadas, como acontece no Bangladesh¹⁶.

Esta moldura continua a ser a realidade da Índia atual, onde não existe limite para a ganância e para a concentração de riqueza, contra a qual luta Vandana Shiva, como se verifica

¹⁴ MERCHANT, Carolyn. **Radical Ecology: The Search for a Livable World**. 2.^a ed. New York: Routledge (Revolutionary Thought and Radical Movements), 2005. VAZ, Sofia Guedes; DELFINO, Ângela. **Manual de ética Ambiental**, *op. cit.*

¹⁵ SHIVA, Vandana. **Vandana Shiva: O Tempo e o Modo**. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal (RTP 2), 2012, 3:23 min. e seg. Disponível em: <<http://vimeo.com/45069821>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

¹⁶ CARSON, Richard, KOUNDOURI, Phoebe; NAUGES, Céline. Arsenic mitigation in Bangladesh: A household labor market approach. **American Journal of Agricultural Economics**, Vol. 93, n. ° 2, 2010, p. 407-414. DOI: 10.1093/ajae/aaq110.

nesta palestra, em que explora a questão da destruição cultural provocada pela indústria das ciências da vida, através da engenharia genética, da poluição da indústria mineira e da globalização, e em que fala de uma guerra contra a Terra: “a economia global corporativa tornou-se numa economia de guerra permanente contra o planeta”¹⁷. Esta presunção é partilhada por Saskia Sassen¹⁸, professora de Sociologia na Universidade de Columbia, entre outras, que defende que os governos devem trabalhar entre si os assuntos socioambientais, empreendendo mais esforços na luta contra a fome, desnutrição, falta de educação, injustiça social, entre outros grandes problemas societais (ao contrário do que agora se verifica, cujo interesse se limita aos processos de globalização que trazem às suas fronteiras capitais e mão de obra qualificada). Sugere, para isso, a renovação de lideranças políticas, com vista à redefinição dos projetos desenvolvidos pelos agentes da economia global¹⁹.

2 ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO “MAKING PEACE WITH THE EARTH”

A comunicação de Shiva aquando da entrega do Sydney Peace Prize²⁰, em 2010, subordinada ao tema Making Peace with the Earth e agora alvo de análise, está estruturada em torno de oito temas, a saber: (i) Guerras contra a Terra; (ii) A indústria extrativa, uma forma de guerra; (iii) Guerras na mente: a violência da ciência reducionista; (iv) A agricultura industrial, uma extensão da guerra; (v) Solo não solo: guerras climáticas e paz climática; (vi) Recuperação dos bens comuns; (vii) Criar verdadeira riqueza e prosperidade; e (viii) Os direitos da Terra são direitos humanos. Termina com uma antiga prece indiana em que apela: (i) ao fim da guerra humana contra a Terra, que considera ser mental; (ii) à harmonia e paz entre todos os seus seres²¹.

¹⁷ Texto original: “the global corporate economy has become a permanent war economy against the planet”. SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010b, *op. cit.*, p. 2.

¹⁸ Criou o conceito de “cidade global”.

¹⁹ SASSEN, Saskia. **Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages**. 4.^a ed. EUA: Princeton University Press, 2008.

²⁰ É o único prémio de paz internacional concedido na Austrália.

²¹ A comunicação de Vandana Shiva está disponível em formato de texto e em formato de video, e em ambos os casos o conteúdo é o mesmo: SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010a. Vídeo da apresentação. Disponível em: <<http://vimeo.com/17376439>>. Acesso em: 25 abr. 2014. SHIVA, Vandana. Marking Peace With The

Não é nosso objetivo resumir a comunicação, nem nos vamos reportar diretamente a cada item anterior, antes procuraremos explanar alguns assuntos estruturais da intervenção da autora. Desde logo, julgamos que é estrutural a ênfase que a autora confere à dominação e controlo dos recursos vitais (água, solo, biodiversidade, etc.) através de instrumentos como as guerras e a militarização enquanto escudos para a globalização corporativa, de tratados de livre comércio e de tecnologias de controlo (ex. a agricultura industrial suportada pela indústria dos herbicidas, que provocou a revolução verde, nos anos 60, na Índia, ou a substituição de sementes naturais por OGM).

Importa salientar que a globalização da economia e da sociedade comporta várias dimensões, nas diversas áreas, umas com mais desvantagens, como a globalização das finanças e capitais, dos modos de vida e dos padrões de consumo, outras com mais vantagens, como a globalização das perceções e da consciência, sobretudo a realizada por grupos de pressão, muito útil para a problemática ambiental, e a procurada por Shiva enquanto ativista.

Globalização das perceções e da consciência, resultante da convicção crescente de que vivemos num universo onde os recursos são finitos e devem ser preservados, tanto mais que erros cometidos num determinado momento e lugar se podem repercutir em todo o planeta, no imediato e/ou no futuro. O movimento ecológico tem sido, aliás, decisivo para reforçar esta consciência de cidadãos planetários, a qual não pode ser desligada também da extraordinária expansão da Internet. De igual modo, a preocupação com os direitos humanos tem levado algumas empresas a estabelecer códigos de comportamento aplicáveis às suas filiais e aos seus subcontratados, como sucedeu com a Nike e a Reebok, para citar dois exemplos da indústria de calçado.²²

Vandana Shiva agrega na mesma equação, depreciativa por sinal, agrotóxicos para controlo de pragas e OGM. Apesar das dúvidas que recaem sobre os OGM²³, não podemos esquecer que 4/5 de toda a produção mundial de soja e mais de metade da produção mundial de

Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010b, p. 16. O Texto da comunicação. Disponível em: <http://sydneypeacefoundation.org.au/wp-content/uploads/2012/02/2010-SPP_Vandana-Shiva.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

²² CES. **Globalização - Implicações para o desenvolvimento sustentável**. Parecer aprovado na Sessão Plenária de 21 de julho de 1997. Relator Conselheiro Álvaro Martins. Lisboa: Conselho Económico e Social, 1997, p. 7).

²³ KRAMKOWSKA, M.; GRZELAK, T.; CZYŻEWSKA, K. Benefits and risks associated with genetically modified food products. *Annals of Agricultural and Environmental Medicine*, Vol. 20, n. ° 3, 2013, p. 413 - 419. LONG, Khuát Đăng. Notes on genetically modified organisms, perception of their benefits, risks and potential hazards. *Journal of Biology*, Vol. 35, n.º 4, 2013, p. 397-416. DOI: 10.15625/0866-7160/v35n4.3767.

milho têm hoje origem nos OGM²⁴. Acresce que os estudos sobre as plantas transgênicas nunca provaram inequivocamente qualquer dos problemas que lhes são atribuídos²⁵. Aliás, é reconhecido que alguns OGM, quando devidamente regulamentados, monitorizados e sujeitos a fiscalização ao nível do desenvolvimento, plantação e comercialização, podem apresentar grandes vantagens do ponto de vista ambiental e trazer grandes melhorias à qualidade de vida, se forem úteis e seriamente alvo de contínuos testes.

Com todos os benefícios potenciais da engenharia genética - resistência a pragas, tolerância a herbicidas, resistência a doenças, tolerância ao frio, à seca e à salinidade - importantes para a nutrição, indústria farmacêutica e fitorremediação²⁶, parece-nos, salvo melhor opinião, que é contraproducente ignorar esta tecnologia, mas advogamos a sua utilização cautelosa de modo a evitar possíveis danos não intencionais para a saúde humana. Este é um dos princípios de base da atual legislação europeia, que apenas permite a comercialização de produtos geneticamente modificados que demonstram ser tão seguros quanto os seus homólogos

²⁴ FONSECA, Ricardo; AGUIAR, Ana; SOTTOMAYOR, Miguel. **Cultivo com recurso a organismos geneticamente modificados no Brasil e na União Europeia - uma análise comparativa**. In: CARVALHO, Maria Leonor da Silva; HENRIQUES, Pedro Damião de Sousa; NARCISO, Vanda (coords.). *Alimentar Mentalidades, Vencer a Crise Global - Atas do ESADR 2013*. Évora: Universidade de Évora, 2013, p. 329-347. ISBN: 978-989-8550-19-4. URI: <http://hdl.handle.net/10400.14/14582>.

²⁵ XAVIER, E.G.; LOPES, D.C.N.; PETERS, M.D.P. Organismos Geneticamente Modificados. *Archivos de zootecnia*, Vol. 58 (R), 2009, p. 27-28. Disponível em: <http://www.uco.es/organiza/servicios/publica/az/php/img/web/19_18_56_1215REVISIONOrganismosXavier.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

²⁶ WHITMAN, Deborah B. Genetically Modified Foods: Harmful or Helpful?. *CSA - Discovery Guides*. 2000. Disponível em: <http://www.csa.com/discoveryguides/gmfood/review.pdf> >. Acesso em: 25 abr. 2014. HELMUTH, L. Biotechnology: Both Sides Claim Victory in Trade Pact. *Science*, Vol. 287, n.º 5454, 2000, p. 782-783. DOI: 10.1126/science.287.5454.782b. DANIELL, Henry; STREATFIELD, Stephen; WYCOFF, Keith. Medical molecular farming: production of antibodies, biopharmaceuticals and edible vaccines in plants. *Trends in Plant Science*, Vol. 6, n.º 5, 2001, p. 219-226. DOI: 10.1016/S1360-1385(01)01922-7. SCORZA, Ralph; CALLAHAN, Ann; LEVY, Laurene; DAMSTEEGT, Vern; WEBB, Kevin; RAVELONANDRO, Michel. Post-transcriptional gene silencing in plum pox virus resistant transgenic European plum containing the plum pox potyvirus coat protein gene. *Transgenic Research*, Vol. 10, n.º 3, 2001, p. 201-209. DOI: 10.1023/A:1016644823203. MOELLENBECK, D.J.; PETERS, M.L.; BING, J.W.; ROUSE, J.R.; HIGGINS, L.S.; SIMS, L.; NEVSEHAL, T.; MARSHALL, L.; ELLIS, R.T.; BYSTRAK, P.G.; LANG, B.A.; STEWART, J.L.; KOUBA, K.; SONDAG, V.; GUSTAFSON, V.; NOUR, K.; XU, D.; SWENSON, J.; ZHANG, J.; CZAPLA, T.; SCHWAB, G.; JAYNE, S.; STOCKHOFF, B.A.; NARVA, K.; SCHNEPF, H.E.; STELMAN, S.J.; POUTRE, C.; KOZIEL, M.; DUCK, N. Insecticidal proteins from *Bacillus thuringiensis* protect corn from corn rootworms. *Nature Biotechnology* (ISSN: 1546-1696), Vol. 19, n.º 7, 2001, p. 668-672.

convencionais, e define procedimentos transparentes para a avaliação da segurança e para a rotulagem, que permite aos consumidores escolhas informadas²⁷.

No entanto, o contrário também acontece: há autores que questionam a “excessiva regulamentação”, considerando-a responsável por inibir a introdução do conhecimento acumulado e de novas variedades transgênicas, e por produzir um sinal oposto ao que seria de esperar, ao desencorajar o desenvolvimento de novas variedades de plantas transgênicas em países em desenvolvimento²⁸. Trata-se de um tema muito polémico, que continua a fazer correr tinta, mas parece-nos que a crítica tecnológica, dos “biopiratas”, feita por Shiva²⁹, por mais meritória que seja, esquece deliberadamente os muitos anos de experiência e conhecimento na produção de OGM, que, pelo menos, já merecem não ser considerados de risco incomensurável ou de grau de incerteza total.

Repare-se também que o discurso da autora releva uma aproximação ao ecofeminismo, no sentido do já anteriormente exposto, e uma crítica à globalização do controlo mundial dos recursos com base na tecnologia, numa espécie de recordação do passado, desde o expansionismo europeu entre os séculos XV e XX - tema que recentemente defendeu em Lisboa - até à crítica ao poder tecnológico do presente, de dominação, de recolonização, que segundo a autora tem subjacentes os mesmos interesses de há 500 anos atrás: de poder, violência e ganância³⁰. Chama-lhe “biopirataria” - a substituição, para a mesma finalidade, dos mecanismos naturais de proteção contra pragas pelos agrotóxicos³¹ - enunciado que corrobora, porque a “biopirataria” se mostra desadequada para a passagem de uma sustentabilidade fraca para uma economia ecológica ou sustentabilidade forte³².

Não tanto como a problemática dos efeitos dos OGM (para o consumo humano e animal, e para o ambiente, por eventuais problemas de polinização), consideramos muito preocupante a

²⁷ SCHAUZU, Marianna. The European Union’s Regulatory Framework on Genetically Modified Organisms and Derived Foods and Feeds. *Advancements in Genetic Engineering*, Vol. 2, n.º 2, 2013, 1000109, p. 6. DOI:10.4172/2169-0111.1000109.

²⁸ BARROWS, Geoffrey; SEXTON, Steven; ZILBERMAN, David. Agricultural Biotechnology: The Promise and Prospects of Genetically Modified Crops. *The Journal of Economic Perspectives*, Vol. 28, n.º 1, 2014, p. 115-116. DOI: 10.1257/jep.28.1.99.

²⁹ SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. *City of Sydney Peace Prize Lecture*, 3 de novembro, 2010a, *op. cit.*, *loc. cit.*

³⁰ SHIVA, Vandana. *Vandana Shiva: O Tempo e o Modo*. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal (RTP 2), 2012, *op. cit.*, 3:23 min. *et seq.*

³¹ SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. *City of Sydney Peace Prize Lecture*, 3 de novembro, 2010b, *op. cit.*, p. 6-8.

³² HOPWOOD, Bill; MELLOR, Mary; O'BRIEN, Geoff. Sustainable development: mapping different approaches. *Sustainable Development*, Vol. 13, n.º 1, 2005, p. 38-52. DOI: 10.1002/sd.244.

questão da apropriação da diversidade genética das plantas cultivadas por algumas empresas a nível mundial, nomeadamente as americanas, conhecidas por patentear plantas pertencentes ao conhecimento tradicional e obtidas nos países em desenvolvimento. À semelhança de Shiva, também Stiglitz refere a necessidade de por fim à “biopirata”, para que se aposte mais no conhecimento tradicional, como forma de responder às preocupações dos países em desenvolvimento, e por uma questão ética³³, porque os países mais pobres não conseguem em tribunal provar a sua propriedade dessas plantas. Ambos consideram que a capacidade de continuar a fazer agricultura depende da diversidade, o que subscrevemos, pelo que os genomas das plantas não podem tornar-se propriedade de ninguém. Stiglitz refere a Novartis, uma farmacêutica suíça, que foi considerada socialmente responsável quando reconheceu a necessidade de facilitar o acesso aos medicamentos contra a malária, oferecendo gratuitamente ou a preço simbólico alguns medicamentos aos países em desenvolvimento³⁴.

Nesse sentido, Vandana Shiva advoga que os valores sociais, os conhecimentos tradicionais e a própria vida da Terra estão sob o ataque da tecnologia da globalização corporativa, e diga-se, o que acontece por cumplicidade dos próprios indivíduos e nações, que, ingenuamente, com base em promessas de menor trabalho e maior rentabilidade, são persuadidos a adotar tecnologias que os mantêm reféns para todo o sempre. No entanto, não só ficam reféns de uma tecnologia que não controlam, como colocam em causa a sua existência. Se refletirmos sobre os postulados da *teoria da adaptação* de Charles Darwin³⁵, que é igualmente atribuída a Alfred Wallace, e que sintetiza que na seleção individual a adaptação resulta da competição entre indivíduos e não da competição entre populações ou espécies, podemos deduzir, ainda que de uma forma simplista, e não catastrofista, que neste momento a vida humana na terra está biologicamente enfraquecida, fragilizada, uma vez que não depende da seleção natural, mas de aditivos criados pelo Homem para poder prosseguir com a hominização

³³ STIGLITZ, Joseph. **Tornar eficaz a Globalização**. Coleção Ler e saber. Porto: Edições Asa, 2007, p. 170. SHIVA, Vandana. Bioethics: A Third World Issue. **Native Web**, 22 mai 2007. Disponível em: <<http://www.nativeweb.org/pages/legal/shiva.html>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

³⁴ STIGLITZ, Joseph. *op. cit.*, *loc. Cit.*, *et seq.*

³⁵ (i) luta pela sobrevivência (pressão ambiental - população infinita - capacidade do meio ambiente finita); (ii) variação na aptidão dos organismos; e (iii) herança da variação. DARWIN, Charles. **On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life**. London: John Murray, 1859. Disponível em: <http://www.stephenjaygould.org/library/darwin_on-the-origin.html>. Acesso em: 25 abr. 2014.

da natureza. Por outras palavras, as sementes OGM e os agrotóxicos referidos por Shiva³⁶ são barreiras à ação da seleção natural, cuja ineficácia poderá, contudo, aumentar a capacidade de destruição, uma vez que as espécies humanizadas estão mais vulneráveis e as pragas invasoras mais fortalecidas (por extensão da teoria de Darwin, 1859). Atente-se que, em situação normal, a seleção natural eliminaria as espécies de plantas menos adaptadas ao ambiente, preservando de forma natural as mais adaptadas às condições ambientais, que por sua vez se iriam multiplicar, gerando espécies mais resistentes às condições do meio³⁷.

A “troca” de produtos transformados por recursos naturais é ainda agora recorrente, mas temos de concordar que nem sempre é desejável, porque condiciona em muitas situações a capacidade de cultivo, de autonomia e de organização dos povos. Temos relatos a esse nível um pouco por todo o mundo, de desrespeito pelas culturas locais e tradicionais, que configuram uma atuação criminosa, ainda que Shiva tenha explorado com maior detalhe a questão das sementes transgênicas e dos agrotóxicos, que são responsáveis por uma relação de dependência dos povos face à tecnologia, o que é natural, uma vez que é a realidade que mais conhece, a sua área de trabalho e vivência. Um outro exemplo dessa atitude criminosa, muito bem estudado por sinal, chega-nos do Brasil, associado às primeiras teorias contratualistas.

Roberto Cardoso Oliveira foi o responsável pelas primeiras formulações contratualistas no Brasil, em conjunto com Darcy Ribeiro. Ambos tinham contacto com o quadro analítico central, e procuraram perceber como é que as sociedades indígenas se comportam perante o contacto: Resistem? Assimilam-se? O que aceitam? O que rejeitam? Como reagem nos vários aspetos económicos, sociais, organizacionais, etc...? As suas conclusões eram pessimistas, apontando mesmo para o fim da genuinidade indígena, pois alegavam que os Índios estavam a passar por um processo de transfiguração étnica, de índios específicos para índios genéricos³⁸. Centrando o seu estudo nos Tukúna, Roberto Cardoso Oliveira enfatiza o conceito de ficção étnica visível na economia, no trabalho, na organização social, no sistema clânico e de parentesco, através do qual concebeu uma visão negativa do contacto, pois considera que estas populações estavam a sofrer um forte processo de caboclicização, alterando a estrutura de vivência e formação tribal.

³⁶ SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010a, *op. cit.*

³⁷ DARWIN, Charles, *op. cit.*

³⁸ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O índio e o Mundo dos Brancos**. Campinas: Unicamp, 1994.

Refere, por exemplo, que a estrutura clânica passou a ter um valor simbólico, e certos padrões de casamento alteraram-se, pela mistura das regras dos Tukúna com as regras dos Ocidentais³⁹.

Não obstante, convém referir que Catherine Howard, logo em seguida, sem negar o impacto negativo da cultura ocidental sobre a cultura indígena, realça algumas questões positivas, introduzindo o conceito de agencialidade (Índios mais ativos), e enfatiza o modo como as sociedades indígenas reagem ativamente ao contacto, tentando conservar a sua estrutura de vida e definir formas de convivências com o contacto⁴⁰. Ou seja, passa para segundo plano a destruição da cultura indígena, e enfatiza a luta dos Índios contra a invasão ocidental, num exercício claro que remete para o que deve ser a consciência ambiental de cada um de nós, e o que deve ser a nossa ação (agência), sem ceder ao poder capitalista fomentador dos ideais do consumo e ao ataque da tecnologia da globalização corporativa. Shiva promove esta ideia, da não desistência.

A propósito dos Tupinambá, do sul da Baía (Brasil), Susana de Matos Viegas traz-nos uma breve história da desapropriação, onde relata que os indivíduos, ingenuamente, trocavam com os brancos terra por álcool (cachaça) e, quando se aperceberam de que estavam a ser enganados, já tinham sido expropriados⁴¹. Neste caso, o Homem branco tinha interesse nas terras indígenas para grandes plantações, e foi durante a Ditadura Militar, após um calculado processo de sedentarização, que se desencadeou o maior processo de desapropriação. Esta superioridade perante os Índios, que pouco difere do observado no processo de colonização, é, por extensão de ideia, central nas críticas de Vandana Shiva⁴².

À semelhança de Vandana Shiva, também Susana Viegas aponta o carácter desproporcional dos valores da troca, neste caso de terra por cachaça, que muitas vezes ocorreu através de aliciamentos ilícitos, aceites ingenuamente. Segundo Susana Viegas, os pequenos proprietários brancos, através do aviamento, ou seja, da venda a fiado, vendiam álcool aos Índios, até que estes, sem poder pagar, eram obrigados a entregar as suas terras. Não era uma situação furtiva, era intencional, de forma a vincular os Índios a uma dívida e respetivos juros que os

³⁹ *Idem, ibidem.*

⁴⁰ HOWARD, Catherine. A domesticação das mercadorias. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (coord.). **Pacificando o Branco. Cosmologias de Contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: UNESP/Editora Oficial do Estado, 2000, p. 25-60.

⁴¹ VIEGAS, Susana de Matos. **Terra Calada: Os Tupinambá na Mata Atlântica do sul da Bahia**. Rio Janeiro: 7Letras, 2007. ISBN: 978-85-7577-424-3.

⁴² SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010a e 2010b, *op. cit.*

perseguiam para todo o sempre até perderam a sua verdadeira riqueza, as suas terras. Uma situação em tudo equivalente à descrita por Shiva para Dongria Kond de Niyamgiri (Índia), onde existe perda de autonomia e dependência prolongada em relação aos OGM e agrotóxicos⁴³.

De acordo com Shiva, a desconsideração do valor da cultura e do ambiente contrasta diametralmente com a valorização da economia de mercado (favorecida pela tecnologia) e do Produto Interno Bruto (PIB). Ou seja, mais tecnologia significa mais produção, e mais produção maior PIB. Neste ciclo, os interesses económicos substituíram os valores humanos, deixou de haver dignidade, e tudo passou a ter uma apreciação quantitativa. Perante esta dura realidade formulam-se teorias: os adeptos do crescimento consideram que o mundo é “infinito”, escurado pela tecnologia (ou seja, que a tecnologia dará sempre resposta adequada às necessidades), enquanto os adeptos do decrescimento, encabeçados por Georgescu-Roegen (1995 [1979]), consideram que o mundo é finito e que está em causa o esgotamento dos recursos naturais e da energia⁴⁴.

Uma das críticas que se pode fazer à utilização do PIB, é a sua aplicação como uma régua cega de mediação económica, que não contabiliza o crescimento social e ambiental, ou a riqueza da sociedade e da natureza⁴⁵. Esta é uma situação que agrada aos agentes da globalização corporativa, instituidores do antropoceno, adeptos do socio-metabolismo de Habertl Haberl⁴⁶, associado a valores de consumo, por regra especialistas em ferramentas de

⁴³ Segundo VIEGAS, Susana de Matos, *op. cit.*, estamos perante uma compatibilidade equivocada, conceito que remete para o valor diferente da terra, para índios e brancos. Após esgotarem os recursos da terra os Índios circulavam para outras terras, dentro do seu território, ou seja, iam circulando de terra em terra aproveitando os recursos naturais (ex. frutos, caça, etc.). As terras que para eles não eram produtivas, naquele momento, eram as que cediam para pagamento ao homem branco. Pensavam que estavam a ceder as terras aos brancos de forma temporária, e que depois podiam voltar. Nesta perspetiva, estavam a fazer um bom negócio, uma vez que, na altura da cedência essas terras não tinham interesse para si. Mas não era isso que os brancos faziam, que executavam as dívidas em terras de forma permanente para fazerem plantações. Por isso os descendentes destes índios criticavam o abuso dos brancos, que enganavam os Índios para lhes tirar terras. Tal como acontece em Niyamgiri, em que os agricultores ficam dependentes dos OGM e dos agrotóxicos nas suas culturas, alimentando o sistema da globalização corporativa, também aqui os Índios estavam dependentes do álcool, abdicando da sua liberdade em função de um produto que, em boa realidade, constituía uma novidade apreciada.

⁴⁴ GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. *La décroissance: entropie-écologie-économie*. 2.ª ed. Paris: Sang de la terre, 1995. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/contemporains/georgescu_roegen_nicolas/decroissance/la_decroissance.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

⁴⁵ SHIVA, Vandana. *Marking Peace With The Earth*. City of Sydney Peace Prize Lecture, 3 de novembro, 2010b, *op. cit.*, p.13.

⁴⁶ HABERL, Habertl; FISCHER-KOWALSKI, Marina; KRAUSMANN, Fridolin; MARTINEZ-ALIER, Joan; WINIWARTER, Verena. A Socio-metabolic Transition towards Sustainability? Challenges for Another Great Transformation. *Sustainable Development*, Vol. 19, n.º 1 (abril), 2009, p. 1-14. DOI: 10.1002/sd.410.

maximização do lucro, tais como, a troca comercial de bens manufaturados por recursos naturais (pela venda de produtos e serviços altamente valorizados, e pela compra de matérias-primas a preço de saldo, aprisionando os autóctones ao sistema), ou a especulação financeira e imobiliária, que desencadeou a atual crise mundial. Segundo Joel Kurtznian, da Harvard Business Review, citado por Shiva, “por cada dólar que circula na economia do mundo produtivo, há 20 a 50 dólares a circular na economia das finanças globais”⁴⁷.

A crise financeira de 2008-2009, que teve um forte impacto na sociedade, foi só mais uma entre outras que afetam a humanidade: crise alimentar, crise energética, crise ambiental, crise de saúde, crise social, crise de educação, crise social pela excessiva pobreza e miséria, e, em especial, **crise de valores**. São disso exemplo os fracos resultados conseguidos no cumprimento das metas dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), quando estamos a pouco mais de um ano de atingir a meta temporal (até 2015)⁴⁸. Todas estas crises nos fazem compreender que **o problema da humanidade é mais profundo, e está ao nível de uma crise civilizacional**. Referindo-se aos grandes obstáculos à sustentabilidade, Santos repara que “esta é a primeira época da história em que a fome coexiste com o excesso e o desperdício de comida”, e conclui dizendo que “consequimos a mundialização da pobreza, mas não do equilíbrio ou da riqueza”⁴⁹.

O início deste problema civilizacional é muito evidente na passagem do industrialismo para o capitalismo industrial. Dentre as inúmeras falhas, o atual modelo económico (teoria do capitalismo), no modo como agrega curvas de utilidade, falha na representação da natureza humana.

Na atual interpretação do capitalismo, os seres humanos envolvidos em negócios são representados como seres unidimensionais cuja única missão é maximizar o lucro. Supostamente, os seres humanos tentam alcançar este objetivo económico de uma forma que exclui qualquer outro. Esta é uma imagem distorcida do que é realmente um ser humano. Como um momento de reflexão bastará para demonstrar, os seres humanos não são robôs programados unicamente para fazerem dinheiro. O facto essencial sobre os seres humanos é que eles são multidimensionais. A felicidade advém-lhe de muitas fontes, não só da produção de riqueza. E, no entanto, os economistas construíram toda a sua teoria de negócios assente no pressuposto de que, do ponto de vista económico, os seres humanos não fazem mais nada a não ser tentar atingir os seus objetivos egoístas.

⁴⁷ Texto original: “for every \$1 circulating in the productive world economy, \$20 to \$50 circulates in the economy of global finance”. SHIVA, Vandana, *op. cit.*, p. 14.

⁴⁸ SANTOS, Marco Pais Neves dos. Os grandes obstáculos à Sustentabilidade: a fome e a miséria. *Revista Pensando em Você. Educação Ambiental*. Ano 2, n.º 5, 2014b, p. 71-78. Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/001961655d11cbd24828b>.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 71.

A teoria conclui que o melhor resultado para a sociedade ocorrerá quando cada indivíduo tiver rédeas soltas para procurar benefícios pessoais. Esta interpretação dos seres humanos nega qualquer papel a outros aspetos da vida - políticos, sociais, emocionais, espirituais, ambientais e outros: não há dúvida de que os seres humanos são seres egoístas, mas também são seres altruístas [...].⁵⁰

A solução para as necessidades prementes da humanidade, em termos económicos, segundo Muhammad Yunus, está no modelo de empresa social, um tipo de empresa autossustentável, sem prejuízos ou dividendos, em que o lucro é utilizado, primeiro, para investir na expansão da empresa, e segundo, para constituir uma reserva que permita lidar com imprevistos. Neste modelo de negócio, de investimento ético socialmente responsável⁵¹ e comércio justo⁵², os sócios só podem retirar a quantia que investiram, de forma gradual, conforme for surgindo disponibilidade de tesouraria. Como refere o autor, “podemos pensar uma empresa social como um negócio abnegado, cujo objetivo é por fim a um problema social”⁵³.

De um facto não temos dúvidas, e advogamos o postulado por Shiva: o industrialismo capitalista, constituído por corporações transnacionais que reiteradamente desrespeitam a sua responsabilidade social, apostando na predação, beneficia poucos e prejudica muitos. Mas esta situação pode ser alterada, por exemplo, a nível nacional, substituindo o Produto Interno Bruto (PIB) pela Felicidade Nacional Bruta (FNB), como régua de mediação económica, como ocorreu

⁵⁰ YUNUS, Muhammad. **A Empresa Social: a nova dimensão do capitalismo para fazer face às necessidades mais prementes da humanidade**. Lisboa: Editorial Presença, 2011, p. 17-18.

⁵¹ REGO, Arménio; CUNHA, Miguel Pinha; COSTA, Nuno Guimarães da; GONÇALVES, Helena; CABRAL-CARDOSO, Carlos. **Gestão ética e socialmente responsável: Teoria e Prática**. Lisboa: Editora RH, 2006. Note-se que até à década de 90 do século XX, a responsabilidade social das empresas viveu uma forte instabilidade, chegou mesmo a ser desacreditada e marginalizada, não tendo registado uma evolução constante. Limitou-se a um conhecimento mais expansivo do que cumulativo, como advoga CRANE, Andrew; MCWILLIAMS, Abigail; MATTEN, Dirk; MOON, Jeremy; SIEGEL, Donald S. The Corporate Social Responsibility Agenda. In: CRANE, Andrew; MCWILLIAMS, Abigail; MATTEN, Dirk; MOON, Jeremy; SIEGEL, Donald S. (Eds.). **The Oxford Handbook of Corporate Social Responsibility**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 3-10. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199211593.003.0001. *Apud*. DE BAKKER, Frank G. A.; GROENEWEGEN, Peter; DEN HOND, Frank. A Bibliometric Analysis of 30 Years of Research and Theory on Corporate Social Responsibility and Corporate Social Performance. **Business & Society**, Vol. 44, n.º 3, 2005, p. 283-317. DOI:10.1177/0007650305278086.

⁵² LEÃO, Carolina. Comércio Justo e Justiça no Comércio. In: REVISTA FORUM DC. (Org.). **Responsabilidade social e globalização (empresas, ONG e Estado na era da globalização): comunicações**. Conferência Internacional Responsabilidade Social e Globalização, Lisboa, 24 e 25 de novembro de 2003. Lisboa: Instituto Marquês de Valle Flôr, 2004.

⁵³ YUNUS, Muhammad, *op. cit.*, p. 19. O autor também explica de onde viria o dinheiro para criar as empresas sociais. Dentre os vários canais, destaca-se o redireccionamento do investimento mundial no apoio ao desenvolvimento.

no Botão⁵⁴, e também a nível local, e de forma individual, alterando a concepção do valor do dinheiro. Trata-se de algo que não é nada fácil de fazer, mas que ainda assim é possível, como advogam Aleksander Zidanšek, que postula a necessidade de um novo sentido da vida com base no amor e felicidade, abdicando do padrão materialista e consumista atual (conceito de felicidade)⁵⁵, e Viriato Soromenho-Marques, que propõe a refundação da concepção de conforto, com base numa ética comum e universalista, passando de um conforto de consumo e produção, para um conforto de responsabilidade social e ambiental, que traga ao homem sabedoria de viver em harmonia com a natureza⁵⁶.

No âmbito dos bens comuns, Shiva confronta o eco-imperialismo, controlador dos recursos da terra, e dos direitos da Terra e das pessoas que nela habitam, com a democracia da vida da Terra, a qual considera responsável pelos direitos da Terra e das pessoas⁵⁷. Ao eco-imperialismo estão associados a “biopirataria extractivista”, destruidora da biodiversidade e castradora de tradições sociais e culturais, e o “colonialismo tecnológico”, enquanto fator de dependência técnica e tecnológica. Os sistemas tecnológicos e económicos são os responsáveis pela tragédia dos bens comuns (por extensão da teoria de Hardin⁵⁸), por outras palavras, são a causa da indigência contínua e irremediável dos recursos naturais e da biodiversidade, do decesso da diversidade social e cultural da Terra, e do empobrecimento das comunidades locais.

A questão dos bens comuns e da sua utilização responsável, sustentável e equitativa, é central ao Desenvolvimento Sustentável, e por isso amplamente abordada no Relatório de Brundtland, *Our Common Future*, elaborado pela World Commission on Environment and Development, a quem é atribuída a definição mais holística de Desenvolvimento Sustentável⁵⁹. Esta definição, mesmo criticada pela abrangência, faz pela primeira vez a ponte entre a

⁵⁴ SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. *City of Sydney Peace Prize Lecture*, 3 de novembro, 2010b, op. cit., p. 14.

⁵⁵ ZIDANŠEK, Aleksander, op. cit., loc. cit.

⁵⁶ SOROMENHO-MARQUES, Viriato. *Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar 3 - As alterações climáticas como problema político*. Lisboa: Culturgest, 2012a. Disponível em: <<http://vimeo.com/42833976>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

⁵⁷ SHIVA, Vandana. op. cit., p. 12.

⁵⁸ HARDIN, Garrett. The Tragedy of the Commons. *Science* 13, Vol. 162, n. ° 3859, 1968, p. 1243-1248. DOI: 10.1126/science.162.3859.1243.

⁵⁹ BRUNDTLAND, Gro Harlem (Presidente). *Our Common Future*. London: Oxford University Press, 1987. 383 p. Disponível em: <<http://issuu.com/atomcatt/docs/our-common-future>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

economia, sociedade e ambiente, progredindo face à expressão sustentabilidade com conotação ecológica, cunhada no encontro internacional World Conservation Strategy (1980)⁶⁰.

Convém referir que apesar de o Relatório de Brundtland ter conseguido a aceitação e subscrição planetária do conceito proposto de Desenvolvimento Sustentável - “aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas necessidades”⁶¹ -, a sua massificação e intensa internacionalização fica a dever-se ao trabalho do Center for Our Common Future (COCF) criado na Suíça (1988) com o objetivo de congregar a comunidade internacional apoiante do conceito de Desenvolvimento Sustentável⁶². Talvez por isso Susan Baker tenha considerado que o Relatório Brundtland obteve um “authoritative status”⁶³.

A realidade é indesmentível: os recursos comuns têm vindo a sucumbir rapidamente perante a cada vez maior apropriação privada dos mesmos, como se verifica nas queimadas para fins de produção agrícola intensiva, e, como refere Shiva, no âmbito da poluição atmosférica, na substituição de sementes naturais por sementes de OGM (dá o exemplo do arroz basmati, a água e o solo para a sua produção), e consequentemente na biodiversidade⁶⁴. Isto não quer dizer que os OGM sejam totalmente insustentáveis, uma vez que, como já vimos, têm vindo a dar provas do contrário, mas carecem de rigor e controlo na sua cultura. Em contrapartida, o sistema de patentes condena a agricultura, porque as empresas estão a patentear produtos que na verdade não lhes pertencem, como já acima expusemos⁶⁵. Porventura, acreditamos nós, os OGM seriam uma alternativa positiva se fossem livres de direitos de patentes e se apenas os úteis fossem produzidos, na estreita medida do necessário e continuamente submetidos a rigorosos testes.

Sabemos e aceitamos que a poluição atmosférica, materializada pelo industrialismo capitalista e fomentada pela economia de mercado, e os demais problemas ambientais referidos por Shiva representam uma subtração ao recurso global comum, que é do direito de muitos, e uma alocação dos proveitos a poucos, um problema já inscrito no Relatório de Brundtland: “uns

⁶⁰ IUCN, UNEP, WWF. **World conservation strategy: Living resource conservation for sustainable development**. Switzerland: Gland, 1980. DOI: 10.2305/IUCN.CH.1980.9.en.

⁶¹ Texto original: “development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs”. BRUNDTLAND, Gro Harlem. *op. cit.*, p. 43.

⁶² BROADHEAD, Lee-Anne. **International environmental politics: the limits of green diplomacy**. EUA: Lynne Rienner Publishers, 2002, p. 48.

⁶³ BAKER, Susan. **Sustainable Development**. New York: Routledge, 2006, p. 17.

⁶⁴ SHIVA, Vandana. **Marking Peace With The Earth**. City of Sydney Peace Prize Lecture, 3 de novembro, 2010a, *op. cit.*

⁶⁵ STIGLITZ, Joseph. *op. cit.*, *loc. cit.*

poucos consomem os recursos da Terra a um tal ritmo que provavelmente pouco sobrarão para as gerações futuras. Outros, em número muito maior, consomem pouco demais e vivem na perspectiva de fome, da miséria, da doença e da morte prematura”⁶⁶. Esta situação infringe o conceito proposto de democracia na Terra⁶⁷, também considerado em James Meadowcroft⁶⁸, que, centrado no processo político, propõe abordagens *bottom-up*, mais flexíveis, em detrimento de abordagens *top-down*, que tratam todos os pacientes com o mesmo remédio, isto é, considera que o futuro sustentável passa necessariamente por uma governança democrática participada e reflexiva, com base na autoscopia individual.

Vandana Shiva aborda uma panóplia de incidentes ambientais equiparáveis a uma guerra contra a Terra e enfatiza a extração de óxido de alumínio, devido às suas consequências ambientais (poluição de solos e águas, e destruição de florestas e biodiversidade, entre outros), semelhantes às que já tínhamos referido para o arsénio. Considera que a globalização corporativa, desguarnecida de valores morais, por incompreensão da cultura e dos modos de vida locais, provoca danos ambientais e culturais, e por isso acusa as grandes corporações de crime cultural, ambiental e social. A sua presença junto dos Dongria Kond no Niyamgiri permite-lhe tentar a abordagem antropológica: “é um refúgio para os povos indígenas e diversas espécies. A biodiversidade de Niyamgiri não é um museu. É a base de uma vigorosa economia da abundância. Os povos indígenas tinham organizado uma festa da manga para celebrar o Dia Mundial do Ambiente”⁶⁹.

De forma fortuita, uma vez que procura fundamentar em teorias antropológicas, como sistemas de parentesco em comunidades indígenas, mas sem conteúdo antropológico, a autora estabelece relação próxima com o postulado por Philippe Descola⁷⁰, que trabalha a relação entre cultura e natureza, e diga-se, restitui alguma da ambição teórica à Antropologia.

⁶⁶ Texto original: “some consume the Earth’s resources at a rate that would leave little for future generations. Others, many in number, consume far too little live with the prospect of hunger, squalor, disease, and early death”. BRUNDTLAND, Gro Harlem. *op. cit.*, p. 28.

⁶⁷ SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. *City of Sydney Peace Prize Lecture*, 3 de novembro, 2010b, *op. cit.*, p. 12.

⁶⁸ MEADOWCROFT, James. Who is in Charge here? Governance for Sustainable Development in a Complex World. *Journal of Environmental Policy & Planning*, Vol. 9, n. 3-4, 2007, p. 299-314. DOI:10.1080/15239080701631544.

⁶⁹ Texto original: “is a sanctuary for the tribals and diverse species. The biodiversity of Niyamgiri is not a museum. It is the foundation of a living economy of abundance. The tribals had organized a mango festival to celebrate World Environment Day”. SHIVA, Vandana, *op. cit.*, p. 3.

⁷⁰ DESCOLA, Philippe. *Par-Delà Nature et Culture*. Paris: Gallimard, 2005.

Segundo Shiva, “nós alimentamos os organismos que existem no solo e eles alimentam-nos a nós. Nós cultivamos a diversidade que suporta a diversidade”⁷¹. Para Descola, os humanos e os não humanos apresentam fisicalidades distintas (ex. os pássaros têm penas, ou os peixes têm escamas, e os humanos peles) mas interioridades idênticas (o povo bororo está para as araras como as araras estão para os bororo, numa ligação real e não simbólica - lei da participação - considerando que os humanos e os animais pensam, sentem e falam entre si). Atente-se na definição de animismo:

Os humanos atribuem aos não humanos uma interioridade idêntica à sua. Esta disposição humaniza as plantas e sobretudo os animais, já que a alma de que são dotados lhes permite (...) estabelecer com estes últimos e entre eles relações de comunicação⁷².

É notória a similitude reflexiva de Shiva e Descola. Apesar da diferente fundamentação, muito mais erudita de Descola, ambos concebem uma forma diferente (nova) de pensar as continuidades e descontinuidades entre o homem e o meio, e no conjunto temos a interpretação cultural na forma como os próprios Índios interpretam a natureza e a si mesmos. Nesse sentido, Descola conclui que as comunidades indígenas têm uma forma diferente de conceber a sua relação com a natureza, interligando a sua alma com os espíritos, sendo que a natureza está povoada de espíritos⁷³.

De facto, esta é uma outra visão possível, subjacente à comunicação de Shiva, uma forma diferente, naturalista, de conceber a relação humana com a natureza, que não tem de ser sujeita ao escrutínio antropocêntrico ocidental (não tem de ser avaliada como certa ou errada, ou comparada com a ocidental); conceção bem criticada por Pierre Clastres⁷⁴, ao trilhar o caminho de uma *revolução copérnica*. É também uma forma de chegar ao nuclear em Shiva, “a paz com a Terra”, um “imperativo de sobrevivência para a espécie humana”⁷⁵. Isto pela via do

⁷¹ Texto original: “we feed the soil organisms, and they feed us. We grow diversity which supports diversity”. SHIVA, Vandana, *op. cit.*, p. 16.

⁷² Texto original: “C’est l’imputation par les humains à des non humains d’une intériorité identique à la leur. Cette disposition humanise les plantes et surtout les animaux puisque l’âme dont ils sont dotés leur permet (...) d’établir avec ces derniers et entre eux des relations de communication”. DESCOLA, Philippe, *op. cit.*, p. 183.

⁷³ *Idem, Ibidem.*

⁷⁴ CLASTRES, Pierre. Copérnico e os Selvagens. In: CLASTRES, Pierre. (Org.). **A sociedade contra o Estado**. Porto: Edições Afrontamento, 1979, p. 9.

⁷⁵ SHIVA, Vandana, *op. cit.*, p. 16.

desenvolvimento sustentável, uma vez que ao longo de toda a história da humanidade, tudo o que o Homem fez ao nível do crescimento económico foi a pensar na sua sobrevivência⁷⁶.

CONCLUSÃO

Vandana Shiva propõe que se deixe de pensar a Terra de forma mecanicista, como matéria morta, mas antes como “a terra enquanto Gaia, um planeta vivo, a nossa mãe”⁷⁷. Porventura, acreditamos nós, esse terá de ser o caminho, um modelo a seguir por todos os hóspedes deste Planeta, uma vez que o hospedeiro já deu sinais de fragilidade e está agora em fase terminal. Até porque o mundo não é binário, ao jeito de Lévi-Strauss, é antes um mundo múltiplo e complexo, com capacidade de institucionalizar e corporificar a “Democracia da Terra” (*homo ecologicus*) como o novo paradigma dominante. Shiva remete para a importância dos movimentos sociais e ativistas na defesa dos interesses das comunidades locais, contra os objetivos do eco-imperialismo e do colonialismo tecnológico, promovidos pelos grandes grupos económicos, aborda a relação humana com a natureza como sendo de respeito mútuo e co-dependência, e apela à consciência ecológica, planetária, cósmica e universal, e à agência individual (atitudes e ações), para que cada cidadão se torne um agente de mudança ecológica⁷⁸.

No entender da autora, necessitamos de um novo paradigma para a nossa habitabilidade, que promova uma verdadeira integração da humanidade numa entidade à qual pertencemos todos sem exceção: a Terra. A sua proposta de ação passa por uma mescla de vários atores e contextos que se vão adequando aos cenários de ação, colocando a ênfase na conduta individual, na motivação do indivíduo para a sustentabilidade (automobilização) e na participação cívica. É que esta não é só uma crise ecológica, é também uma crise civilizacional, cuja resolução depende de visão, método e organização. Deixar à onipotência do pensamento a

⁷⁶ SOROMENHO-MARQUES, Viriato. *Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar 4 - As alterações climáticas e o enigma do nosso futuro comum*. Lisboa: Culturgest, 2012b, 1:34 min. e seg. Disponível em: <<http://vimeo.com/43423538>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

⁷⁷ Texto original: “the earth as Gaia, a living planet, our mother”. SHIVA, Vandana, *op. cit.*, p.16.

⁷⁸ SANTOS, Marco Pais Neves dos. A importância da ação individual e dos processos de socialização no combate às alterações climáticas de origem antrópica. *Revista Monografias Ambientais - REMOA*, Vol. 13, n.º 4, 2014, p. 3542 - 3568. DOI: 10.5902/2236130813820.

responsabilidade de resolver a crise socio-ambiental, que é também uma crise de valores, é não querer ter visão e não querer alterar o paradigma dominante.

Shiva defende que o desenvolvimento sustentável, alicerçado numa governança efetivamente democrática, participada e consciente, acontece só quando o indivíduo ganha um papel central na avaliação e reflexão sobre o desenvolvimento⁷⁹. Sugere-nos, por isso, a substituição das espécies dominantes, *homo economicus* e *homo technocraticus*, pelo *homo ecologicus*, já pensando, talvez, no *homo sustentabilis*, por via do benefício que possa decorrer da dialética entre o *homo sapiens* local e o *homo sapiens* global (o *homo sapiens* global, produtor da globalização neoliberal, terá de abdicar da postura predadora e extractivista).

Não esqueçamos que a humanidade já viveu em larga escala em harmonia espiritual com o mundo natural e consigo própria⁸⁰, mas essa vivência foi destruída pela cultura industrial e consumista e pelo utilitarismo do “*homo economicus*”, que nos transformou em exímios predadores, extractivistas e poluidores, afastando-nos de todos os anti-utilitarismos à volta do “*homo culturalis*”, da razão simbólica, da generosidade e da dádiva⁸¹. O *homo ecologicus* é, pois, uma evolução imperiosa, se quisermos continuar a ser hóspedes deste Planeta.

Convém referir que no início do século XX ainda se verificavam comunidades dotadas de capital social positivo, fundadas em normas altruístas e recíprocas, de cooperação e confiança, e a viver segundo um modelo económico da redistribuição. São disso exemplo o “Kula”, entre os Trobriandeses, um sistema de troca cerimonial, e o “potlach”, entre os Maoris, instituições estudadas por Malinowski (1922) e Mauss (1923), respetivamente, ainda hoje existentes, com alterações que resultaram do contacto com os mercadores ocidentais.

As trocas funcionavam como um vasto sistema de prestações e de contraprestações, alicerçadas em círculos de alianças, e produziam relações de correspondência, hospitalidade, proteção e assistência mútua⁸². As coisas transacionadas continham, também elas, uma virtude que as obrigava a circular, isto é, a serem dadas, recebidas e retribuídas. Existia renúncia à

⁷⁹ SHIVA, Vandana. **Vandana Shiva: O Tempo e o Modo**. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal (RTP 2), 2012, *op. cit.*

⁸⁰ RENAUD, Isabel, *op. cit.* VAZ, Sofia Guedes; DELFINO, Ângela, *op. cit.* NAESS, Arne. The Basics of Deep Ecology. **Trumpeter** (ISSN: 0832-6193), Vol. 21, n.º 1, 2005, p. 61-71. Disponível em: <<http://trumpeter.athabascau.ca/index.php/trumpet/article/view/44/39>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

⁸¹ CASAL, Adolfo Yáñez. **Entre a Dádiva e a Mercadoria. Ensaio de Antropologia Económica**. Amadora: Edição do Autor, 2005. ISBN: 972-9171-16-5.

⁸² Todos os objetos que circulavam com uso de representações de valor, sobretudo com a função de troca, podem ser entendidos como antepassados de moeda, mas não tinham um valor fixo, determinado por um poder governamental, eram objetos com aceitação social.

lógica comercial. O valor económico não estava nos objetos de prestígio e riqueza, mas no simbolismo atribuído social e culturalmente, porque a troca implicava saber dar, receber e retribuir. Dava-se sem a preocupação de receber, ainda que os donatários se vissem obrigados a aceitar e retribuir, sob pena de perderem o prestígio, motivo pelo qual retribuíam, eventualmente, dando ainda mais⁸³. Viviam-se mais próximo do proposto por Zidanšek, ao associar a felicidade à liberdade política e económica, e à questão fulcral da criação de valores individuais, sobretudo baseados no “ser” em vez do “ter” característico das sociedades de crescimento consumistas⁸⁴.

Devemos acreditar que a demanda pela sustentabilidade é um ato de equilíbrio, de justiça e de respeito, que exige não só a implementação de políticas, estratégias, programas e projetos que tratem o ambiente e o desenvolvimento como um problema único, mas também mudanças nas mentalidades, atitudes e comportamentos, o que está a ser mais difícil de acontecer. Devemos apostar no *habitus da sustentabilidade*⁸⁵, gerador de práticas individuais e sociais, e na criação de capital social através de relações e normas de confiança e reciprocidade, cooperação e solidariedade, bem como regras e sanções (que permitam o fortalecimento cívico e

⁸³ *Idem, ibidem.*

⁸⁴ ZIDANŠEK, Aleksander, *op. cit.*

⁸⁵ É durante a socialização primária que se deve orientar as crianças para a Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS), introduzindo-a ao *habitus da sustentabilidade*, por relação do conceito de *habitus* Bourdieu, porque, mais tarde, na socialização secundária, os estilos de vida, responsáveis por práticas individuais e sociais, resultam desse *habitus* já corporificado (no entanto, ainda pode ser alterado). BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: EDUSP/Zouk, 2007. SANTOS, Marco Pais Neves dos. A importância da ação individual e dos processos de socialização no combate às alterações climáticas de origem antrópica. *Revista Monografias Ambientais - REMOA*, Vol. 13, n.º 4, 2014, p. 3542 - 3568. DOI: 10.5902/2236130813820.

A não introdução da criança à interiorização pré-reflexiva de valores socioambientais, portanto, à problemática da sustentabilidade, na vida adulta resulta na falta de agencialidade, na incapacidade de agir de forma independente e fazer as suas próprias escolhas livres, colaborando na reprodução do insustentável paradigma dominante, e perpetuação da estrutura de dominação indutrialista capitalista e globacionista, criticada por Shiva.

STONES, Rob. Structure and Agency. RITZER, George (ed). **Blackwell Encyclopedia of Sociology**. Blackwell Publishing, 2007. DOI: 10.1111/b.9781405124331.2007.x. BARKER, Chris. **Cultural Studies: Theory and Practice**. 3.ª ed. London: SAGE Publications, 2008. ISBN: 9781412924153. GULATI, Ranjay; SRIVASTAVA, Sameer. Bringing Agency Back into Network Research: Constrained Agency and Network Action. In: BRASS, D.; LABIANCA, G.; MEHRA, A.; HALGIN, D.; BORGATTI, S. (ed.). **Contemporary Perspectives on Organizational Social Networks** (Research in the Sociology of Organizations, Volume 40), Emerald Group Publishing Limited, 2014, p. 73-93. DOI:10.1108/S0733-558X(2014)0000040004. EICHNER, Susanne. **Agency and Media Reception. Experiencing Video Games, Film, and Television**. Germany: Springer Fachmedien Wiesbaden, 2014. ISBN: 978-3-658-04672-9. DOI: 10.1007/978-3-658-04673-6.

incrementem o capital económico e humano, e reforcem o capital social⁸⁶), e devemos adotar estratégias de poder simbólico, ao jeito de Pierre Bourdieu⁸⁷, de persuasão na defesa da biosfera, como defende Shiva, “a mais importante luta pelos direitos humanos e pela justiça social do nosso tempo, o movimento pacifista mais abrangente do nosso tempo”⁸⁸. Uma estratégia que nos ocorre, ambiciosa, passa pelo envolvimento de crenças e filosofias diferentes ao serviço da sustentabilidade e da “Democracia da Terra” (*homo ecologicus*).

Não sendo quadro analítico central, importa realçar a importância do capital social positivo, constituído por redes de relações de confiança e reciprocidade, visão partilhada e normas, que espontaneamente se associaram para materializar interesses partilhados no âmbito da sustentabilidade. Com efeito, ele afasta as estratégias específicas das classes dominantes, que visam a sua própria reprodução, e promove novas culturas reflexivas, abertas e inclusivas, com vista a um mundo melhor, mais social e sustentável. A sua força motriz dominante operacionaliza-se numa visão partilhada e numa missão comum. Para o capital social ser positivo, deve obrigatoriamente resultar em benefícios, promover o desenvolvimento social e a sustentabilidade, onde se inclui sociedades mais justas e igualitárias, e um ambiente saudável e harmonioso⁸⁹.

Discursos fatalistas ou alarmistas de legitimação da urgência de uma transformação radical para “ontem”, com sonoridade de crise e colapso, como é visível em Steve Best⁹⁰, se, por um lado, podem reforçar a visibilidade da causa, por outro, podem revelar-se inconsequentes. Com efeito, tratando-se de um processo de transformação de mentalidades, não é algo que se possa

⁸⁶ ABU-EL-HAJ, Jawdat. O Debate em torno do Capital Social: Uma revisão Crítica. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais** (ISSN: 1516-8085), n.º47, jan./jun.1999, p. 65-79, (BR-CrUES) 32882. PORTES, Alejandro. Capital Social: Origens e Aplicação na Sociologia Contemporânea. **Sociologia Problemas e Práticas** (ISSN: 0873-6529), n.º 33, 2000, p. 133-158.

⁸⁷ BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Tradução de Fernando Tomaz. 315 p. ISBN: 972-29-0014-5.

⁸⁸ Texto original: “the most important human rights and social justice struggle of our times. It is the broadest peace movement of our times”. SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010b, *op. cit.*, p.18.

⁸⁹ ABU-EL-HAJ, Jawdat, *op. cit.* PORTES, Alejandro, *op. cit.* GROOTAERT, Christiaan; van BASTELAER, Thierry. **Understanding and Measuring Social Capital: A synthesis of findings and recommendations from the social capital initiative**. Social Capital Initiative Working Paper, n.º. 24, World Bank, Washington, 2001. Disponível em: <<http://siteresources.worldbank.org/INTSOCIALCAPITAL/Resources/Social-Capital-Initiative-Working-Paper-Series/SCI-WPS-24.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014. ISHIHARA, Hiroe; PASCUAL, Unai. Social capital in community level environmental governance: A critique. **Ecological Economics**, Vol. 68, n.º 5, 2009, p. 1549-1562. DOI: 10.1016/j.ecolecon.2008.11.003.

⁹⁰ BEST, Steve. **Ecological Crisis and Veganism**. Luxembourg: IARC, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mkvss2bY5HA>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

realizar da noite para o dia, é antes algo a fazer com as gerações atuais e vindouras num processo contínuo, em permanente mutação, tal como o interioriza o conceito de Desenvolvimento Sustentável⁹¹. Este é um caminho que, para atender às necessidades presentes e futuras do Ser Humano, deve seguir a “Democracia da Terra”, permitindo-nos visualizar e criar democracias que vivam em consonância com o valor intrínseco de todas as espécies, povos e culturas; uma partilha justa e igualitária dos recursos naturais, compartilhando as decisões sobre o uso dos recursos da Terra (Gaia).

Já passámos por períodos de mudança revolucionários, mas nenhum tão intenso nem tão fecundo de perigo e oportunidade como os tempos que se avizinham. Temos de escolher: ou obedecemos às leis da ganância corporativa, protagonizada pelas multinacionais, ou às leis de Gaia, protegendo/mantendo os ecossistemas naturais terrestres e a sua biodiversidade. Acresce que a defesa dos direitos da Gaia é, portanto, o mais importante dos direitos humanos e da luta da justiça social, e este é o movimento de paz mais amplo da atualidade⁹².

Em suma, estamos perante o surgimento de uma relação completamente nova entre o poder agregado da civilização humana e os sistemas vulneráveis da Terra, dos quais depende a prosperidade contínua da Humanidade, e é urgente restabelecer uma relação saudável, confiante e equilibrada entre a civilização humana e o futuro.

REFERÊNCIAS⁹³

ABU-EL-HAJ, Jawdat. O Debate em torno do Capital Social: Uma revisão Crítica. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais** (ISSN: 1516-8085), n.º47, jan./jun. 1999, p. 65-79, (BR-CrUES) 32882.

BAKER, Susan. **Sustainable Development**. New York: Routledge, 2006. 264 p. ISBN: 978-0415282116.

⁹¹ BRUNDTLAND, Gro Harlem, *op. cit.*, p. 43.

⁹² SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010a e 2010b, *op. cit.*

⁹³ Todas as referências foram validadas no dia 25 de abril de 2014, após a conclusão do artigo, para garantir que não existiu erro na digitação, tendo essa data ficado em quase todas as referências como a data do último acesso.

BARKER, Chris. **Cultural Studies: Theory and Practice**. 3.^a ed. London: SAGE Publications, 2008. ISBN: 9781412924153.

BARROWS, Geoffrey; SEXTON, Steven; ZILBERMAN, David. Agricultural Biotechnology: The Promise and Prospects of Genetically Modified Crops. **The Journal of Economic Perspectives**, Vol. 28, n.º 1, 2014, p. 99-119. DOI: 10.1257/jep.28.1.99.

BEST, Steve. **Ecological Crisis and Veganism**. Luxembourg: IARC, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mkvss2bY5HA>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

BOUGLÉ, Célestin. **Essais sur le régime des castes**. 3.^a ed. France: Universitaires de France, 1935. ISBN: 978-0-521-08093-4. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/classiques/bougle_celestin/essai_regime_des_castes/essais_regime_castes.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Tradução de Fernando Tomaz. 315 p. ISBN: 972-29-0014-5.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: EDUSP/Zouk, 2007. 556 p.

BRENNAN, Andrew; LO, Yeuk-Sze. Environmental Ethics. In: ZALTA, Edward (editor principal). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford University, Fall 2011 Edition. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/ethics-environmental>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

BROADHEAD, Lee-Anne. **International environmental politics: the limits of green diplomacy**. EUA: Lynne Rienner Publishers, 2002. 223 p. ISBN: 978-1588260680.

BRUNDTLAND, Gro Harlem (Presidente). **Our Common Future**. London: Oxford University Press, 1987. 383 p. Disponível em: <<http://issuu.com/atomcatt/docs/our-common-future>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

CARSON, Richard, KOUNDOURI, Phoebe; NAUGES, Céline. Arsenic mitigation in Bangladesh: A household labor market approach. **American Journal of Agricultural Economics**, Vol. 93, n.º 2, 2010, p. 407-414. DOI: 10.1093/ajae/aaq110.

CASAL, Adolfo Yáñez. **Entre a Dádiva e a Mercadoria. Ensaio de Antropologia Económica**. Amadora: Edição do Autor, 2005. ISBN: 972-9171-16-5.

CES. **Globalização - Implicações para o desenvolvimento sustentável**. Parecer aprovado na Sessão Plenária de 21 de julho de 1997. Relator Conselheiro Álvaro Martins. Lisboa: Conselho Económico e Social, 1997. 42 p. ISBN: 973-8395-07-8.

CLASTRES, Pierre. Copérnico e os Selvagens. In: CLASTRES, Pierre. (Org.). **A sociedade contra o Estado**. Porto: Edições Afrontamento, 1979, p. 5-24.

COLLINS, Sheila. **A Different Heaven and Earth**. EUA: Judson Press, Valley Forge, PA, 1974.

CONDESSO, Fernando dos Reis. Política do ambiente. In: ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIA POLÍTICA (Ogr.). **A reforma do Estado em Portugal: Problemas e perspectivas**. Actas do I Encontro Nacional de Ciência Política, Lisboa: Bizâncio, 2001, p. 571-640.

CRANE, Andrew; MCWILLIAMS, Abigail; MATTEN, Dirk; MOON, Jeremy; SIEGEL, Donald S. The Corporate Social Responsibility Agenda. In: CRANE, Andrew; MCWILLIAMS, Abigail; MATTEN, Dirk; MOON, Jeremy; SIEGEL, Donald (Eds.). **The Oxford Handbook of Corporate Social Responsibility**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 3-10. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199211593.003.0001.

DANIELL, Henry; STREATFIELD, Stephen; WYCOFF, Keith. Medical molecular farming: production of antibodies, biopharmaceuticals and edible vaccines in plants. **Trends in Plant Science**, Vol. 6, n.º 5, 2001, p. 219-226. DOI: 10.1016/S1360-1385 (01) 01922-7.

DARWIN, Charles. **On the Origin of Species by Means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life**. London: John Murray, 1859. Disponível em: <http://www.stephenjaygould.org/library/darwin_on-the-origin.html>. Acesso em: 25 abr. 2014.

DE BAKKER, Frank G. A.; GROENEWEGEN, Peter; DEN HOND, Frank. A Bibliometric Analysis of 30 Years of Research and Theory on Corporate Social Responsibility and Corporate Social Performance. **Business & Society**, Vol. 44, n.º 3, 2005, p. 283-317. DOI:10.1177/0007650305278086.

D'EAUBONNE, Françoise. **Le Féminisme ou la Mort**. Paris: Pierre Horay, 1974. 274 p. ISBN: 978-2705800178.

DESCOLA, Philippe. **Par-Delá Nature et Culture**. Paris: Gallimard, 2005. 623 p. ISBN: 978-2070772636.

DIENER, Ed; OISHI, Shigehiro. Money and happiness: income and subjective well-being across nations. In: DIENER, Ed; SUH, Eunkook M. (eds.). **Culture and subjective well-being**. Cambridge (MA): The MIT press, 2000, p. 185-218. ISBN: 978-0262541466.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: le système des castes et ses implications**. Paris: Gallimard, 1966.

EICHNER, Susanne. **Agency and Media Reception. Experiencing Video Games, Film, and Television**. Germany: Springer Fachmedien Wiesbaden, 2014. ISBN: 978-3-658-04672-9. DOI: 10.1007/978-3-658-04673-6.

FONSECA, Ricardo; AGUIAR, Ana; SOTTOMAYOR, Miguel. **Cultivo com recurso a organismos geneticamente modificados no Brasil e na União Europeia - uma análise comparativa**. In: ESADR 2013 (ed.). **Alimentar Mentalidades, Vencer a Crise Global**. Évora, Portugal, 15-19 Outubro, 2013. In: CARVALHO, Maria Leonor da Silva; HENRIQUES, Pedro Damião de Sousa; NARCISO, Vanda (coords.). **Alimentar Mentalidades, Vencer a Crise Global - Atas do ESADR 2013**. Évora: Universidade de Évora, 2013, p. 329-347. ISBN: 978-989-8550-19-4. URI: <http://hdl.handle.net/10400.14/14582>.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas. **La décroissance: entropie-écologie-économie**. 2.^a ed. Paris: Sang de la terre, 1995. 254 p. Disponível em: <http://classiques.uqac.ca/contemporains/georgescu_roegen_nicolas/dcroissance/la_decroissance.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

GOULD, Stephen Jay. Women's brains. In: GOULD, Stephen Jay (ed.). **The panda's thumb: More reflections in natural history**. New York: Norton, 1980, p. 152-159. Disponível em: <<http://faculty.washington.edu/lynnhank/wbgould.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

GROOTAERT, Christiaan; van BASTELAER, Thierry. **Understanding and Measuring Social Capital: A synthesis of findings and recommendations from the social capital initiative**. Social Capital Initiative Working Paper, n.º 24, World Bank, Washington, 2001. Disponível em: <<http://siteresources.worldbank.org/INTSOCIALCAPITAL/Resources/Social-Capital-Initiative-Working-Paper-Series/SCI-WPS-24.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

GULATI, Ranjay; SRIVASTAVA, Sameer. Bringing Agency Back into Network Research: Constrained Agency and Network Action. In: BRASS, D.; LABIANCA, G.; MEHRA, A.; HALGIN, D.; BORGATTI, S. (ed.). **Contemporary Perspectives on Organizational Social Networks** (Research in the Sociology of Organizations, Volume 40), Emerald Group Publishing Limited, 2014, p. 73-93. DOI:10.1108/S0733-558X(2014)0000040004.

HABERL, Habertl; FISCHER-KOWALSKI, Marina; KRAUSMANN, Fridolin; MARTINEZ-ALIER, Joan; WINIWARTER, Verena. A Socio-metabolic Transition towards Sustainability? Challenges for Another Great Transformation. **Sustainable Development**, Vol. 19, n.º 1 (abril), 2009, p. 1-14. DOI: 10.1002/sd.410.

HARDIN, Garrett. The Tragedy of the Commons. **Science** 13, Vol. 162, n.º 3859, 1968, p. 1243-1248. DOI: 10.1126/science.162.3859.1243.

HELMUTH, L. Biotechnology: Both Sides Claim Victory in Trade Pact. **Science**, Vol. 287, n.º 5454, 2000, p. 782-783. DOI: 10.1126/science.287.5454.782b.

HOPWOOD, Bill; MELLOR, Mary; O'BRIEN, Geoff. Sustainable development: mapping different approaches. **Sustainable Development**, Vol. 13, n.º 1, 2005, p. 38-52. DOI: 10.1002/sd.244.

HOWARD, Catherine. A domesticação das mercadorias. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida Rita (coord.). **Pacificando o Branco. Cosmologias de Contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: UNESP/Editora Oficial do Estado, 2000, p. 25-60.

ISHIHARA, Hiroe; PASCUAL, Unai. Social capital in community level environmental governance: A critique. **Ecological Economics**, Vol. 68, n.º 5, 2009, p. 1549-1562. DOI: 10.1016/j.ecolecon.2008.11.003.

IUCN, UNEP, WWF. **World conservation strategy: Living resource conservation for sustainable development**. Switzerland: Gland, 1980. DOI: 10.2305/IUCN.CH.1980.9.en.

KRAMKOWSKA, M.; GRZELAK, T.; CZYŻEWSKA, K. Benefits and risks associated with genetically modified food products. *Annals of Agricultural and Environmental Medicine*, Vol. 20, n. ° 3, 2013, p. 413 - 419.

LEÃO, Carolina. Comércio Justo e Justiça no Comércio. In: REVISTA FORUM DC. (Org.). **Responsabilidade social e globalização (empresas, ONG e Estado na era da globalização): comunicações**. Conferência Internacional Responsabilidade Social e Globalização, Lisboa, 24 e 25 de novembro de 2003. Lisboa: Instituto Marquês de Valle Flôr, 2004.

LONG, Khuất Đăng. Notes on genetically modified organisms, perception of their benefits, risks and potential hazards. *Journal of Biology*, Vol. 35, n.º 4, 2013, p. 397-416. DOI: 10.15625/0866-7160/v35n4.3767.

MEADOWCROFT, James. Who is in Charge here? Governance for Sustainable Development in a Complex World. *Journal of Environmental Policy & Planning*, Vol. 9, n. 3-4, 2007, p. 299-314. DOI:10.1080/15239080701631544.

MERCHANT, Carolyn. **Radical Ecology: The Search for a Livable World**. 2. ed. New York: Routledge (Revolutionary Thought and Radical Movements), 2005. 304p. ISBN: 978-0415935784.

MOELLENBECK, D.J.; PETERS, M.L.; BING, J.W.; ROUSE, J.R.; HIGGINS, L.S.; SIMS, L.; NEVSHEMAL, T.; MARSHALL, L.; ELLIS, R.T.; BYSTRAK, P.G.; LANG, B.A.; STEWART, J.L.; KOUBA, K.; SONDAG, V.; GUSTAFSON, V.; NOUR, K.; XU, D.; SWENSON, J.; ZHANG, J.; CZAPLA, T.; SCHWAB, G.; JAYNE, S.; STOCKHOFF, B.A.; NARVA, K.; SCHNEPF, H.E.; STELMAN, S.J.; POUTRE, C.; KOZIEL, M.; DUCK, N. Insecticidal proteins from *Bacillus thuringiensis* protect corn from corn rootworms. *Nature Biotechnology* (ISSN: 1546-1696), Vol. 19, n.º 7, 2001, p. 668-672.

NAESS, Arne. The Basics of Deep Ecology. *Trumpeter* (ISSN: 0832-6193), Vol. 21, n.º 1, 2005, p. 61-71. Disponível em: <<http://trumpeter.athabascau.ca/index.php/trumpet/article/view/44/39>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O índio e o Mundo dos Brancos**. Campinas: Unicamp, 1994.

PORTES, Alejandro. Capital Social: Origens e Aplicação na Sociologia Contemporânea. *Sociologia Problemas e Práticas* (ISSN: 0873-6529), n.º 33, 2000, p. 133-158.

RAHEJA, Gloria Goodwin. Índia: Caste, Kingship, and Dominance Reconsidered. *Annual Review of Anthropology* (ISSN: 0084-6570), Vol. 17, 1988, p. 497-522. DOI: 10.1146/annurev.an.17.100188.002433.

REGO, Arménio; CUNHA, Miguel Pinha; COSTA, Nuno Guimarães da; GONÇALVES, Helena; CABRAL-CARDOSO, Carlos. **Gestão ética e socialmente responsável: Teoria e Prática**. Lisboa: Editora RH, 2006. ISBN: 978-9728871093.

RENAUD, Isabel. Ética e Ecologia. In: ARCHER, Luís; BISCAIA, Jorge; OSWALD, Walter (Coord.). **Bioética**. Lisboa: Editorial Verbo, 1996, p. 131-134. ISBN: 972-22-1719-4-120109.

SANTOS, Marco Pais Neves dos. A importância da ação individual e dos processos de socialização no combate às alterações climáticas de origem antrópica. **Revista Monografias Ambientais - REMOA** (ISSNe 2236 1308), Vol. 13, n.º 4, 2014a, p. 3542 - 3568. DOI: 10.5902/2236130813820.

SANTOS, Marco Pais Neves dos. Os grandes obstáculos à Sustentabilidade: a fome e a miséria. **Revista Pensando em Você. Educação Ambiental**. Ano 2, n.º 5, 2014b, p. 71-78. Disponível em: <<http://pt.calameo.com/read/001961655d11cbd24828b>>. Acesso em: 23 nov. 2014.

SASSEN, Saskia. **Territory, Authority, Rights: From Medieval to Global Assemblages**. 4.^a ed. EUA: Princeton University Press, 2008. 112p. ISBN: 978-069113645512.

SCHAUZU, Marianna. The European Union's Regulatory Framework on Genetically Modified Organisms and Derived Foods and Feeds. **Advancements in Genetic Engineering**, Vol. 2, n.º 2, 2013, 1000109. DOI:10.4172/2169-0111.1000109.

SCORZA, Ralph; CALLAHAN, Ann; LEVY, Laurene; DAMSTEEGT, Vern; WEBB, Kevin; RAVELONANDRO, Michel. Post-transcriptional gene silencing in plum pox virus resistant transgenic European plum containing the plum pox potyvirus coat protein gene. **Transgenic Research**, Vol. 10, n.º 3, 2001, p. 201-209. DOI: 10.1023/A:1016644823203.

SHIVA, Vandana. Bioethics: A Third World Issue. **Native Web**, 22 mai 2007. Disponível em: <<http://www.nativeweb.org/pages/legal/shiva.html>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010a. Vídeo da apresentação. Disponível em: <<http://vimeo.com/17376439>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

SHIVA, Vandana. Marking Peace With The Earth. **City of Sydney Peace Prize Lecture**, 3 de novembro, 2010b. Documento escrito da apresentação. Disponível em: <http://sydneypeacefoundation.org.au/wp-content/uploads/2012/02/2010-SPP_Vandana-Shiva.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

SHIVA, Vandana. **Vandana Shiva: O Tempo e o Modo**. Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal (RTP 2), 2012. Disponível em: <<http://vimeo.com/45069821>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. **Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar 3 - As alterações climáticas como problema político**. Lisboa: Culturgest, 2012a. Disponível em: <<http://vimeo.com/42833976>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

SOROMENHO-MARQUES, Viriato. **Alterações climáticas: a crise que não sabemos pensar 4 - As alterações climáticas e o enigma do nosso futuro comum**. Lisboa: Culturgest, 2012b. Disponível em: <<http://vimeo.com/43423538>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

STIGLITZ, Joseph. **Tornar eficaz a Globalização**. Coleção Ler e saber. Porto: Edições Asa, 2007. ISBN: 978-9724152936.

STONES, Rob. Structure and Agency. RITZER, George (ed). **Blackwell Encyclopedia of Sociology**. Blackwell Publishing, 2007. DOI: 10.1111/b.9781405124331.2007.x.

VAZ, Sofia Guedes; DELFINO, Ângela. **Manual de ética Ambiental**. Lisboa: Universidade Aberta, 2010. 250p. ISBN: 978-972674713.

VIEGAS, Susana de Matos. **Terra Calada: Os Tupinambá na Mata Atlântica do sul da Bahia**. Rio Janeiro: 7Letras, 2007. ISBN: 978-85-7577-424-3.

WHITMAN, Deborah B. Genetically Modified Foods: Harmful or Helpful?. **CSA - Discovery Guides**. 2000. Disponível em: <http://www.csa.com/discoveryguides/gmfood/review.pdf> >. Acesso em: 25 abr. 2014.

XAVIER, E.G; LOPES, D.C.N.; PETERS, M.D.P.. Organismos Geneticamente Modificados. **Archivos de zootecnia**, Vol. 58 (R), 2009, p. 15-33. Disponível em: <http://www.uco.es/organiza/servicios/publica/az/php/img/web/19_18_56_1215REVISIONOrganismosXavier.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2014.

YUNUS, Muhammad. **A Empresa Social: a nova dimensão do capitalismo para fazer face às necessidades mais prementes da humanidade**. Lisboa: Editorial Presença, 2011. ISBN: 978-9722345293.

ZIDANŠEK, Aleksander. Sustainable development and happiness in nations. **Energy**, Vol. 32, n.º 6, 2007, p. 891-897. Doi:10.1016/j.energy.2006.09.016.

Recebido em: 12/09/2014 Revisões em: 18/11/2014 Aprovado em: 13/12/2014